

COMPREENSÃO DO MOVIMENTO NACIONAL DOS CATADORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS DIANTE DO COMITÊ DO (SUD)OESTE PAULISTA. Carolina Stefani Baldo Kerhart, Lirian Melchior – Humanas - Geografia – Campus Experimental de Ourinhos.

Apresentamos com o seguinte trabalho um estudo conceitual sobre os movimentos sociais principiados por comportamentos coletivos em busca de mudanças na sociedade, - sejam sociais, políticas, econômicas, culturais, ambientais, estruturais – para resgatarem uma historicidade dilacerada pela desigualdade social, espacial e territorial causada pelo modo de produção capitalista. Sendo assim, teremos como objetivo deste projeto, o entendimento do Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis (MNCR) diante da luta pela territorialidade dos catadores nos Comitês Regionais espalhados pelos estados brasileiros, porém teremos como foco de discussão e estudo o Comitê do Sudoeste Paulista para uma compreensão do movimento e da luta dos catadores pela Economia Solidária, auto-gestão, reconhecimento do trabalho exercido, além de lutarem contra qualquer exploração ou segregação socioespacial/territorial.

Após analisar os movimentos e lutas sociais brasileiros nos séculos XIX e XX, Maria da Glória Gohn, conclui que a demanda por reivindicações/ações refletem os acontecimentos que o governo atravessa durante cada época. Sendo assim Touraine (1996 apud Maria da Glória Gohn) considera os movimentos sociais o coração da sociedade, o seu funcionamento - a luta pela reposição de uma ordem perdida. Acredita nos movimentos como agentes históricos que procuram e necessitam encontrar alternativas para uma nova historicidade da sociedade. Os movimentos “são práticas democráticas de pressão, ações que expressam uma nova sociedade política. Eles não são agentes de transformação para um outro modo de produção, mas para uma outra ordem social”. Os movimentos eram “desenhados pelo desejo de pessoas marginalizadas de escapar para a liberdade, dentro de novas identidades e utopias” (Tarrow apud Maria da Glória Gohn)

No Brasil, diversos Movimentos Sociais surgiram durante a década de 70, auge da ditadura militar, época de descontentamento e oposição ao Estado autoritário vigente no país. A maioria dos Movimentos eram sindicais, urbanos e rurais, camadas das sociedades marginalizadas lutando por bens de consumo, infra-estrutura, saúde, educação, transporte, moradia. Os movimentos restringiam-se a pequenas localidades como bairros ou pequenas regiões, ou seja, não eram organizados a alcançar uma amplitude nacional. O que veio a mudar na década de 80, onde os movimentos por estarem mais organizados surgem e estendem-se a nível nacional, mapeam a sua territorialidade em todo território brasileiro e, juntos, lutam por um mesmo objetivo/ideal, pelas mesmas necessidades e melhorias, como o Movimento dos Trabalhadores Sem-Terra, que surge em 1979 no sul e se espalha por todo o Brasil durante a década de 80, ocupando territórios, organizando-se em acampamentos, criação de cooperativas, etc.

No final da década de 70, começo da década de 80, começam a surgir no cenário de reivindicações, os movimentos sociais que por se contraporem aos historicamente tradicionais movimentos em suas práticas e objetivos ganharam o nome de “novos” movimentos sociais. São os feministas, raciais, ambientais, pacifistas, homossexuais, são lutas que se contrapõem aos operários-sindicais, são lutas contra uma sociedade contemporânea do desperdício, do egoísmo, “involucral, geradora do descartável e do supérfluo” (Ricardo Antunes, p.41), sendo assim, consequentemente são movimentos que analisam o modo de produção capitalista e traz essas desigualdades por ele produzidas e devastadas.

Portanto, pode-se observar que os movimentos sociais podem expressar-se por diversas formas, como movimentos de classes sociais, de gênero, grupos raciais, ambientais e/ou qualquer organização coletiva que interfira na ordem ou no espaço urbano, buscando uma territorialidade diante de uma sociedade controlada pelo capitalismo.

Em 1999 ocorreu o 1º Encontro de Catadores de Papel a nível nacional, o que possibilitou o encontro de centenas de catadores com as mesmas preocupações, angústias, necessidades, problemas e objetivos, o que promoveu uma aproximação entre os catadores e a formação do Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis (MNCR), sendo assim, as decisões começaram a ser feitas em conjunto e todos começaram a lutar juntos pelo território, a ser conquistado, diante da sociedade e do modo de produção capitalista. Os catadores se organizaram em cooperativas e associações, denominadas por eles como bases orgânicas, e delimitaram formas de se comunicarem e manterem contatos.

De acordo com o catador da cidade de São Paulo Davi, que trabalha na secretaria do movimento do Estado, cada Estado possui uma secretaria do movimento e representantes, que se comunicam com a Comissão da Região Brasileira, no caso de São Paulo, a região Sudeste. Estes representantes são indicados pelos Comitês Regionais de cada Estado. Os Comitês são as bases orgânicas regionais e possuem o papel de apoiar/organizar a categoria dos catadores ajudando-os em suas dificuldades, na comunicação entre as cooperativas/associações e lutar pelos direitos das mesmas; Participar dos programas de educação socioambiental dos municípios, promover o seu reconhecimento como agente ambiental.

Neste projeto estudaremos/analisaremos e teremos como base o Comitê Regional do Sudoeste Paulista, que é composto por dez cooperativas/associações, são as dos municípios de Ourinhos, Presidente Prudente, Presidente Epitácio, Assis, Álvares Machado, Rancharia, Palmital, Santa Cruz do Rio Pardo, Paraguaçu Paulista, Ipaussu. Não há um modelo correto a seguir a organização de uma base orgânica, no entanto todas devem estar pautadas na idéia de auto-gestão, havendo participação (voz) de todos os catadores nas decisões organizacionais da Cooperativa e/ou Associação, além de buscarem o apoio mútuo e a solidariedade de classes. Uma vez que o Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis luta conjuntamente e é solidário com outras lutas de classe social, como os sem-Terras, sem-tetos, trabalhadores informais, etc.

Na cidade de Ourinhos, por exemplo, funciona a Associação ‘Recicla Ourinhos’, todos os catadores podem e devem expressar suas opiniões e os seus descontentamentos, além de exercer o seu direito e dever de trabalhador nas assembleias mensais, onde todos juntos encontram uma solução para as dificuldades existentes, numa forma democrática, as decisões são tomadas sempre por meio da votação – decidida na reunião se haverá votação aberta ou fechada. Os 58 catadores da Associação de Ourinhos buscam o seu território nas ruas, com a coleta seletiva, pois ainda trabalham no aterro sanitário da cidade e desejam que os demais catadores das ruas, que não fazem parte da Associação, consequentemente do MNCR, se unam a eles, para que não haja concorrência e sim uma ajuda mútua/coletiva, onde todos possuirão uma remuneração todo mês e que lutem juntos pela Economia Solidária e assim acabarem com a idéia de marginalização, hoje existente.

As bases do Comitê do Sudoeste Paulista se encontram mensalmente, e cada reunião ocorre em Associações/ Cooperativas distintas. É neste encontro, onde os catadores se reúnem para expressar as dificuldades de cada base orgânica. O principal problema das instituições são os baixos preços na venda dos materiais recicláveis, pois em alguns casos como Rancharia, os materiais são vendidos soltos, pois não possuem máquinas - como prensa e extrusora, por exemplo- que auxiliariam no aumento do preço do material, sendo assim, surgiu a idéia/possibilidade de se montar uma rede comercial dos materiais recicláveis. Onde cada município venderia um determinado material. Papel este de todos os Comitês Regionais brasileiros, na luta dos catadores por um trabalho coletivo/solidário, e de conquista do território, os quais serão analisados mais profundamente neste projeto.

O território, segundo Raffestin é uma produção a partir do espaço. O espaço é o palco das ações humanas e é onde o homem atua e territorializa. “O espaço é a ‘prisão original’, o território é a prisão que os homens constroem para si”. Para Milton Santos, “o território usado é um abrigo, uma busca pela adaptação ao meio geográfico local, e ao mesmo tempo, de estratégias que garantam sua sobrevivência nos lugares”. Sendo assim, delimitaremos e estudaremos o território dos catadores de materiais recicláveis. Mapearemos as cooperativas e as associações do Comitê Regional do Sudoeste Paulista e mapearemos também os Comitês Regionais do Movimento. Acompanharemos o território dos catadores diante dos atravessadores – os compradores dos materiais recicláveis -, que exploram os catadores,

comprando os materiais por um preço mais baixo do que valem, contudo analisaremos a rede comercial do comitê do Sudoeste Paulista. Além destas territorialidades, há também a busca pelo território nas ruas – coleta seletiva -, onde o catador precisa conquistar o seu território, educando e informando a sociedade sobre a importância dos materiais que podem ser reciclados e reutilizados – dessa forma surge a possibilidade do “abandono” do aterro sanitário.

Este trabalho será desenvolvido com participações contínuas nas reuniões mensais do Comitê Regional do Sudoeste Paulista, como vem sendo feito desde maio de 2006, além de visitas na Secretaria do Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis na cidade de São Paulo. Diante dessas reuniões e visitas entrevistaremos membros do movimento, principalmente os associados do Comitê Regional e da associação de Ourinhos para analisar as influências do movimento perante a territorialidade dos catadores.

BIBLIOGRAFIA

GOHN, MARIA DA GLÓRIA. História dos movimentos e lutas sociais: A Construção da Cidadania dos Brasileiros, São Paulo, Loyola, 1995.

_____. Teorias dos Movimentos Sociais: Paradigmas Clássicos e Contemporâneos, São Paulo, Loyola, 1997.

GONÇALVES, CARLOS WALTER PORTO. Os (des)caminhos do Meio Ambiente, São Paulo, Contexto, 2000.

Economia Solidária – Paul Singer;

Org. PINTUADI, SILVANA MARIA, Economia Solidária: Um setor em desenvolvimento, São Paulo, Urbal, 2000

Economia Política do Trabalho – Paul Singer

Ecologia e Lutas sócias no Brasil – Maurício Waldman

Artigos de Bernardo Mançano Fernandes:

Movimento social como categoria geográfica

Movimento socioterritoriais e socioespaciais